

O audiovisual como método de produção científica. A possibilidade de um ensaio-filme.

Francisco Marcio Marques dos Santos¹

(Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UMESP)

Orientador: Profa. Dra. Cilene Victor²

Resumo

Embora o audiovisual seja cada vez mais presente e acessível como recurso técnico e narrativo, ele ainda enfrenta diversas limitações dentro do meio acadêmico. Mesmo sendo amplamente utilizado como instrumento de ensino e aprendizagem, o vídeo costuma ocupar uma posição secundária, não alcançando o prestígio do texto escrito, que continua a orientar o fazer científico tradicional. Este artigo propõe reflexões sobre o potencial do audiovisual como método científico, explorando, entre outros conceitos, o de *Media Interventions*, contexto em que as produções audiovisuais exercem um impacto cultural relevante. O conteúdo deste trabalho foi originalmente desenvolvido como um vídeo documentário, aceito como artigo final no curso ministrado pelo professor Dimas Kunsch no programa de pós-graduação da UMESP. Para esta versão textual, o material precisou ser adaptado, assumindo o formato de uma narrativa ensaística.

Palavras-chave: Audiovisual, Matrizes da Linguagem e Pensamento, Ensaio, Media Interventions.

Texto

“Escrever é uma indecência.” Essa afirmação atravessou gerações e ainda ressoa atualmente. Já no século V a.C., Sócrates alertava sobre os riscos do uso recorrente da escrita. Desde então, muitas transformações ocorreram, especialmente no campo do pensamento científico. Com o tempo, a ciência foi se consolidando como o bastião da

¹ Graduado em Cinema, Mestre em Jornalismo e Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UMESP. Bolsista apoiado pelo CAPES. E-mail: kicosantos@gmail.com

² Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UMESP. Tem pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão do Território da UFABC, doutorado em Saúde Pública, pela Universidade de São Paulo, e mestrado em Comunicação, pela Universidade Metodista

razão, e o racionalismo científico passou a ser visto como o guia mais seguro para a produção do conhecimento. O domínio das religiões foi gradualmente cedendo lugar a um método empírico e racional, cuja estrutura rigorosa acabou sendo adotada como padrão universal da ciência.

Tal rigor vem da época conhecida como Iluminismo que o filósofo alemão Emmanuel Kant resume muito bem: “ouse usar o seu intelecto”, esse é o lema do Iluminismo. O saber científico é visto como o resultado da acumulação de experimentos e teorias em um processo linear e ordenado, crescente e determinista, caminhando em uma direção muito específica: a busca da verdade. As ciências humanas também seguem esse princípio. Habermas diria que “as ciências do espírito captam seus fatos através da compreensão, mas elas partilham com as ciências naturais a consciência do método”.

Quando observamos a natureza da *compreensão*, as reflexões do professor Dimas Kunsch da UMESP são incrivelmente expansivas: afinal seria o rigor científico a *única* maneira de obter conhecimento? O professor comenta sobre a exigência inegociável de uma lógica rigorosa, o que justificaria a existência de cadeias de pensamento difíceis de acompanhar. Também menciona a chatice das rotinas acadêmicas assinalando que os pesquisadores novos lidam com o grande desafio de aprender a escrever de acordo com as normas, uma missão torturante.

Victor Gabriel Rodrigues é doutor em Direito Penal pela USP de Ribeirão Preto. Em uma de suas obras ele conta como foi a sua trajetória em relação à linguagem do método científico. Primeiro ele ficou preocupado, pois ele temia que o domínio da linguagem científica funcionasse como um freio à sua composição literária. Mas com o tempo ele foi se apaixonando pelo método, ele reconheceu as vantagens do domínio de um texto discursivo, a compreensão dos elementos do texto que expressam a ciência. Ele conta que quando passou a exercer a prática do direito ele estranhou o tipo de determinada orientação que o seu chefe o havia passado. Aquele era um conhecimento pragmático, um conhecimento vivenciado no dia a dia, algo que não perdia tempo criando regras ou metodologias que fossem. Ele passou a questionar se não havia ali uma forma de conhecimento que poderia colaborar com o método científico. E a resposta está na capa da sua obra *O Ensaio Como Tese*.

O ensaio é um formato de narrativa um tanto polêmico por assim dizer. De início porque ele é baseado principalmente na vivência do autor. O ensaio é mais permissivo que o discurso rigoroso do método científico. A mente aberta para a criatividade, aberta para percepção sensível do mundo. O ensaio lida bem com a narrativa em primeira pessoa, assim como com o uso de metáforas. A narrativa ensaística difere-se do método científico; não há a obrigatoriedade de conclusão de um conceito. De forma poética, é como se na elaboração de um ensaio não importasse tanto chegar em algum lugar, mas apenas *ir*, pois a viagem pode ser mais interessante que a chegada.

Nas palavras dos professores Dimas Kunsch e Renata Carraro, não se trata de menosprezar ou desqualificar o rigor, os conceitos, a razão e a lógica do método científico. Mas, afinal, o rigor, os conceitos e a razão também podem ser entendidos, apresentados e representados de outros modos. Victor dizia que adotar a linguagem científica é trancar-se em um luxuoso cárcere de grades de ouro. Ao defender o ensaio, ele entende que escrever uma tese não atende apenas à compreensão do mundo, mas também a um impulso criativo.

Adorno, um dos expoentes da escola de Frankfurt em 1954 publicou O Ensaio Como Forma. Para o autor, o ensaio não busca resolver ou reconciliar opostos, mas sim explorar e enfatizar as tensões e conflitos inerentes ao nosso objeto de estudo. De certa forma, o ensaio resiste à tentativa de encapsular o mundo em sistemas fechados, mas sim explorar a complexidade e a ambiguidade da realidade. A lista de autores e obras que utilizam o ensaio como forma para suas ideias é enorme, obras primas de grande influência. Os próprios frankfurtianos como Adorno e Walter Benjamin. Um dos textos mais citados nos estudos de comunicação, A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica é um ensaio. Há outros exemplos de grande relevância como os ensaios de Freud sobre a Sexualidade ou a crítica da sociedade do cansaço nos ensaios de Byung-Chul Han.

Os ensaios são formidáveis catalisadores de ideias. É curioso que no cinema temos o filme-ensaio, um subgênero do cinema que se caracteriza pela expressão do pensamento do realizador no próprio filme. Algo entre o documentário e a ficção, quase experimental. Uma característica marcante desse gênero é o diretor adicionar a sua própria voz ao filme como bem descreve o saudoso professor Arlindo Machado da Escola de Comunicações e

Artes da USP. Nos filmes-ensaio o autor costuma transpor os conteúdos registrados com a sua câmera e o faz subvertendo o processo de edição, adicionando elementos autorais às suas narrativas como seus próprios textos narrações e performances.

Santiago, o documentário mais emblemático de João Moreira Salles é um conhecido filme Ensaio o autor filmou esse documentário sobre o mordomo da família em 1992 mas ele não conseguiu finalizar a montagem das cenas. Treze anos depois, o autor então se transforma em um personagem do filme, adicionando sua experiência pessoal à narrativa. O filme-ensaio pode ser definido como uma forma libertadora de fazer cinema, uma vez que a sétima arte também tem suas regras e convenções. Se olharmos com atenção, veremos que no mundo digital interconectado há inúmeras demonstrações de filmes-ensaio como recurso narrativo. Nunca é Noite no Mapa é um filme-ensaio produzido por Ernesto de Carvalho em 2016. a genialidade da obra tem uma faceta interessante: todas as imagens foram geradas na plataforma do Google Maps. No texto, narrado em primeira pessoa, o autor questiona a onipresença do mapa.

Com todas essas reflexões sobre o filme-ensaio seria possível sugerir o caminho contrário? Poderia haver um ensaio-filme? Até que ponto uma narrativa audiovisual poderia ser considerada um ensaio científico? Este artigo é uma tentativa de responder a tal questionamento. Posto que este texto foi adaptado de uma produção audiovisual, sugiro ao leitor que conheça a experiência original, disponível no YouTube³.

Já que escrever é uma indecência, nas palavras de Sócrates, vamos lembrar que há outras maneiras de se comunicar além da escrita. O professor Roberto Chiachiri da UMESp, especialista em semiótica, costuma explicar sobre a interpretação dos signos. Tudo que tenta representar algo é um signo seja qual for a forma pela qual o percebemos. Linguagem é signo, o modo como pensamos também é organizado por signos. É a partir daí que a professora Lúcia Santaella da PUC São Paulo trabalha com o um conceito interessante em sua obra: As Matrizes da Linguagem e do Pensamento.

De acordo com a professora, existem basicamente três matrizes para a elaboração das linguagens. Uma delas é a matriz verbal, a linguagem escrita e falada, a preferida do

³ O Ensaio-Filme está disponível no canal do autor: <https://www.youtube.com/watch?v=QHtV-XoTPnc>

método científico. Ela está sendo útil no momento em que você compreende a o sentido deste texto. Não confundir com a matriz sonora que está relacionada com a nossa percepção auditiva, incluindo música, voz e outros ruídos. É sobre como a sonoridade influencia a forma como nós percebemos e interpretamos o mundo. Já a matriz visual, segundo Santaella, refere-se ao conjunto de elementos imagéticos que compõem a experiência humana, incluindo imagens, formas, cores, símbolos e gestos. Ao contrário da linguagem verbal, que é linear e temporal, a percepção visual ocorre simultaneamente e em um espaço determinado. É aquilo que nos atinge implacavelmente com suas representações.

The Witness é um jogo eletrônico lançado em 2016 pela Thekla, Inc. Nele você acorda numa ilha deserta sem nenhuma orientação. Jonathan Blow, o desenvolvedor, queria criar um jogo não-verbal. Assim, não há nenhuma palavra escrita na tela, nem no menu nem nos comandos. As pistas são todas visuais e sonoras. Ele mostra como é possível contar uma história sem o uso da matriz verbal.

Na verdade, as diferentes matrizes se combinam para criar significados mais complexos e muito presentes nas mídias contemporâneas. É uma chave para compreender como a televisão, o cinema e a internet afetam a nossa percepção e a nossa comunicação.

Há muitas considerações a partir desse ponto. O vídeo permite explorar outras possibilidades de compreensão pois o seu autor pode manejar livremente as diferentes matrizes. Assim como o espectador conta com uma série de recursos digitais que as linhas apenas descrevem para você, caro leitor. No ambiente do YouTube, o espectador pode acessar as fontes clicando direto na descrição do vídeo, assim como deixar seus comentários e interagir diretamente com autor do vídeo.

Os recursos do audiovisual têm exercido forte impacto em Políticas do Pertencimento como investiga o grupo de pesquisa HumanizaCom da professora Cilene Victor da UMESp. Estudos práticos como as experiências de *Media Interventions* descritas por Timothy Marjoribanks mostram como o exercício do audiovisual colabora com o sentimento de pertencimento em grupos de vulnerabilidade.

Professor da Swinburne University of Technology de Melbourne, Marjoribanks investigou como a interferência de processos de relação midiática age nos sentidos de pertencimento das populações atingidas. O conceito que ficou conhecido como *Media Interventions* surgiu pela primeira vez em um livro organizado por Kevin Howley. O projeto de Marjoribanks tem o foco direcionado para a mídia australiana na cobertura da mídia sobre grupos em situação de vulnerabilidade social, especialmente os refugiados sudaneses naquele país, e sugere a mesma mídia para reverter o perfil da abordagem.

Para aumentar o pertencimento, é preciso ampliar as vozes e garantir a escuta das minorias, uma teoria da professora Yuval-Davis conhecida como as Políticas do Pertencimento. Trata-se de um conceito que combina uma série de referências a práticas ou projetos que buscam realizar ou manter relações particulares de pertencimento, bem como a produção contínua de relações sociais. Esses dois fatores são resultados de práticas de políticas de pertencimento e, ao mesmo tempo, formam as condições para elas acontecerem. “As políticas de pertencimento estão preocupadas com os limites da comunidade política de pertencimento, as fronteiras que, às vezes fisicamente, mas sempre simbolicamente, separam a população mundial em 'nós' e 'eles'” (DAVIS, 2011, p. 3, tradução própria).

Nesse contexto de enfrentamento das injustiças sociais, encontramos análises de experiências bem-sucedidas que podem ser compreendidas como *Media Interventions*. Exemplos onde o poder da comunicação efetua mudanças específicas e significativas, muitas vezes em prol de causas ativistas. Exemplos que merecem um olhar arguto acerca do potencial de mudanças que as intervenções midiáticas são capazes de proporcionar. Em especial, destaca-se o estudo da pesquisadora Tanja Dreher que observou nas iniciativas do I.C.E.⁴ um exemplo contundente de *Media Interventions* focado em políticas de pertencimento nas áreas de vulnerabilidade social em Sydney.

O I.C.E. reconheceu o potencial e a importância das formas de mídia digital e visa deliberadamente populações marginalizadas e vulneráveis para capacitação, desenvolvimento de habilidades e contar histórias

⁴ Fundada em 1984, I.C.E. é uma organização comunitária de artes contemporâneas que trabalha com comunidades emergentes e sub-representadas do oeste de Sydney, artistas e produtores criativos.

alternativas sobre a Austrália multicultural utilizando tecnologias digitais (DREHER, 2018, p. 77)

Personagens expostos à uma violência estrutural e cultural, mas interconectados com suas vozes de resistência. A proximidade com os recursos de comunicação provoca efeitos de transformação social. Quando orquestrados de modo a amplificar suas vozes e garantir a sua escuta, o poder da mídia colabora com o pertencimento de grupos e indivíduos em situações de vulnerabilidade.

Mas como garantir a escuta com o excesso de informações e uma percepção de mundo moldada nas pequenas telas? Uma disputa infindável de algoritmos pela nossa atenção, um mundo que confunde opinião pública com opinião publicada como diria o Professor Luiz Alberto da Escola de Comunicações de Artes da USP.

Axel Honneth, herdeiro da teoria crítica de Frankfurt, diria que o amor-próprio é uma das origens dos conflitos em sua luta por reconhecimento. Uma boa trilha sonora não vai solucionar os problemas do mundo, mas a música pode ser uma boa ideia para garantir a escuta de grupos e minorias. O audiovisual é desafiador e requer uma técnica que vai além do ato de escrever. Mas conta com um potencial imenso de expressão e compreensão, que pode funcionar muito bem como método científico. E afinal, como diria Heidegger, não podemos deixar a técnica com os técnicos.

Referências

- ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel. Theodor W. Adorno. São Paulo: Ática, 1986.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/benjamin-obra-de-arte-1.pdf. Acesso em: 10 ago. 2024.
- CHIACHIRI, Roberto. O poder sugestivo da publicidade: uma análise semiótica. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- FARIAS, Luiz Alberto de. Relações públicas: teoria, contexto e relacionamentos. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

- FREUD, Sigmund. Obras completas: volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HABERMAS, Jürgen. Conhecimento e Interesse. Tradução de José Lamago. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. Tradução de Carlos Alberto M. de Carvalho. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2003.
- HOWLEY, Kevin. Media interventions. Nova York: Peter Lang, 2013.
- KANT, Immanuel. Resposta à Pergunta: O Que É Esclarecimento? E Outros Textos. Tradução de Tomaz Tadeu. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- KUNSCH, Dimas. A alquimia da escrita. Disponível em: <https://blog.ijep.com.br/a-alquimia-da-escrita/?amp=1>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- KÜNSCH, Dimas A. Compreender: indagações sobre o método. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2020.
- KÜNSCH, Dimas A.; CARRARO, Renata. Comunicação e pensamento compreensivo: o ensaio como forma de expressão do conhecimento científico. Líbero, São Paulo, v. 15, n. 29, jun. 2012.
- MACHADO, Arlindo. O filme-ensaio. Tradução. Rio de Janeiro: CCBB, 2009.
- NUNCA É NOITE NO MAPA. Direção: Ernesto de Carvalho. Brasil, 2016. Disponível em: <https://vimeo.com/175423925>. Acesso em: 11 ago. 2024.
- RODRIGUEZ, Gabriel. O ensaio como tese: estética e narrativa na composição do texto científico. [Cidade]: [Editora], 2012.
- RODRIGUEZ, Victor Gabriel. O ensaio como tese: estética e narrativa na composição do texto científico. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2012.
- SANTAELLA, Lucia. Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- SANTIAGO. Direção: João Moreira Salles. Produção: Videofilmes. Brasil: Videofilmes, 2007. 1 DVD (82 min.), son., color.
- THE WITNESS. Direção: Jonathan Blow. Produção: Thekla, Inc. 2016. Jogo eletrônico (PlayStation 4, Xbox One, PC).

- VICTOR, C.; EDOA, L. Media interventions como insurgências midiáticas nos territórios de vulnerabilidade social. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, [S. l.], v. 22, n. 42, 2023.

- YUVAL-DAVIS, Nira. Belonging and the politics of belonging. *Patterns of Prejudice*, v. 40, n. 3, p. 197–214, 2006.